

A CIDADE DE JUIZ DE FORA NOS ALMANAQUES DE MINAS GERAIS

Profa. Ana Lúcia Fiorot de Souza*
E-mail: afiorot@ig.com.br

BREVE HISTÓRIA DOS ALMANAQUES

Os almanques e outros objetos da cultura material perduram, no Brasil, como em outros países da Europa ou América. Eles sofreram “reformulações”, prevalecendo a característica de serem publicados anualmente.

Em relação às edições de 1916 e 1922, verifica-se a representação do calendário como a ligação entre o homem e sua organização de espaço.¹

A publicidade e as ilustrações apresentadas nesse tipo de publicação possuem, sobretudo, um papel didático e pedagógico. Têm um poder normativo e se destinam a chamar a atenção para as “condutas” que devem ser seguidas, bem como a sua utilização por parte da sociedade para “demarcar suas esferas de poder”. As ilustrações são reproduzidas com base nas técnicas artísticas tipográficas tradicionais, esboçando a realidade em forma gráfica.²

Os almanques são considerados como a primeira peça publicitária, mas, atualmente, assemelham-se a uma enciclopédia, com papel de baixa qualidade (ou mesmo em CD Rom) e com ilustrações sumárias. Um bom exemplo da versão atual é o *Almanaque Abril* que apresenta tópicos como: Cronologia, Economia, Humanidades, Brasil, Nações do Mundo e Esportes.³

O primeiro almanaque brasileiro foi importado de Portugal em 1851– *Almanaque de Lembrança Luso-Brasileira*. Com o decorrer do tempo e impulsionado pela necessidade das sociedades⁴, tivemos publicações locais e até mesmo para um público mais extenso como nos dois exemplares analisados que almejavam atingir o público do Estado de Minas Gerais.

* Bacharel e Licenciada em História pela UFJF. Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS/UFRJ). Professora designada pela Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais, lecionando para o Ensino Médio na E.E. Emílio Ramos Pinto, em Leopoldina.

Analisaremos no presente artigo o *Almanach de Minas* (1916), sob a direção de Gilberto de Alencar e o *Almanaque Industrial e Mercantil de Minas* (1922), sob a direção de J. Bastos & Comp. Destaque para o fato de que o exemplar de 1916 informa, em sua capa, ser o segundo ano de publicação, já que o primeiro número, saiu em 1914.⁵ Porém, até o momento, identificou-se somente as duas publicações, dos anos de 1916 e 1922, como destinadas ao Estado de Minas Gerais.⁶

Esse tipo específico de impresso possuía um caráter moderno e civilizador, chegando às cidades mais distantes, aos sertões, integrando os domínios rurais e urbanos, transitando entre as diferentes classes sociais.

Seu papel como fonte inestimável de dados é inegável, porém ao analisá-los, criticamente, é preciso levar em consideração que mesmo visando atender ao Estado de Minas Gerais, foram produzidos em Juiz de Fora, o que a “privilegia” em alguns enfoques, como veremos a seguir.

Com o advento do século XX, ficou nítida a “evolução”, em relação ao século XIX, nos métodos utilizados para impressão dos exemplares, passando a apresentar uma maior variedade de cores e um aumento no número de fotografos. A maior exploração de imagens foi possível devido à técnica da autotipia, que dominou toda a imprensa periódica durante boa parte do século XX.⁷

DE JUIZ DE FORA PARA O ESTADO DE MINAS GERAIS

Ao iniciar a publicação de 1916, ALENCAR apresenta seus propósitos da seguinte forma:

“O Almanach de Minas(...) será um repositório de informações úteis e referentes ao nosso grande Estado (...) Publicado em Juiz de Fora, é de ser que o Almanach tratará mais vastamente desta culta e querida cidade, inegavelmente, sob muitos pontos de vista, a primeira de Minas (...) com o passar dos anos, pretende essa publicação ser ampliada buscando

veicular informações completas de todos os municípios e cidades de Minas, para assim justificar seu título.”⁸

Ao observar as ponderações do organizador, nota-se um exagerado tom ufanista ao se referir à cidade de Juiz de Fora. É possível observar a preocupação da elite local em acompanhar algumas tendências modernas no que tange à organização do espaço territorial, na esfera econômica, entre outros.

Ao pontuar as características de cidade moderna, no que se refere à organização do espaço territorial urbano, considerou-se como símbolo de modernização e progresso: “ o transporte urbano (bonde), a ampliação do espaço público, costumes, a distinção entre o urbano e o rural, as medalhas de Exposições Universais, os prédios do governo, a arquitetura etc.”⁹ Esse apelo por um sistema de transporte eficiente e rápido, a distinção entre o rural e o urbano, continuam ainda em voga até o presente século XXI. Nas propagandas, ainda utiliza-se enumerar os serviços prestados, mas pode-se considerar os certificados *ISO* (substituindo as premiações das exposições universais) como uma forma de reconhecimento de qualidade e prestação de serviços por determinados ramos da economia.

Como já pontuado, anteriormente, a cidade de Juiz de Fora foi apresentada como moderna, mas vale ressaltar que, como nos demais meios de imprensa, a área central compreende a “parte digna” de representar a cidade.¹⁰

Na edição do ano de 1916, foram apresentadas trinta e seis imagens de pessoas que pertenciam à sociedade de Belo Horizonte e de outras cidades com representatividade no cenário estadual e nacional. No universo de imagens referentes à cidade, a edição de 1916 reproduziu diversos trechos da capital do Estado, em especial, com imagens que ilustram seu álbum de 1911.¹¹ Foram mostrados alguns entroncamentos de ruas, sempre movimentadas, com passantes, bondes e automóveis. Também, prevalece o traçado largo das ruas e avenidas e a adoção de uma arquitetura em estilo eclético.

A cidade de Juiz de Fora, nesse almanaque de 1916, é apresentada textualmente da seguinte forma: a) com problemas de iluminação, enfocando a rua Halfeld que, aos domingos, com o fechamento do comércio ficava “sem o brilho” das vitrines; b) propagandas enganosas sobre a existência de amplas avenidas quando, na verdade, com exceção da Avenida Barão do Rio Branco, o que prevalecia eram habitações sem as mínimas condições de higiene; c) policiamento precário que não atendia as necessidades de seus habitantes.¹²

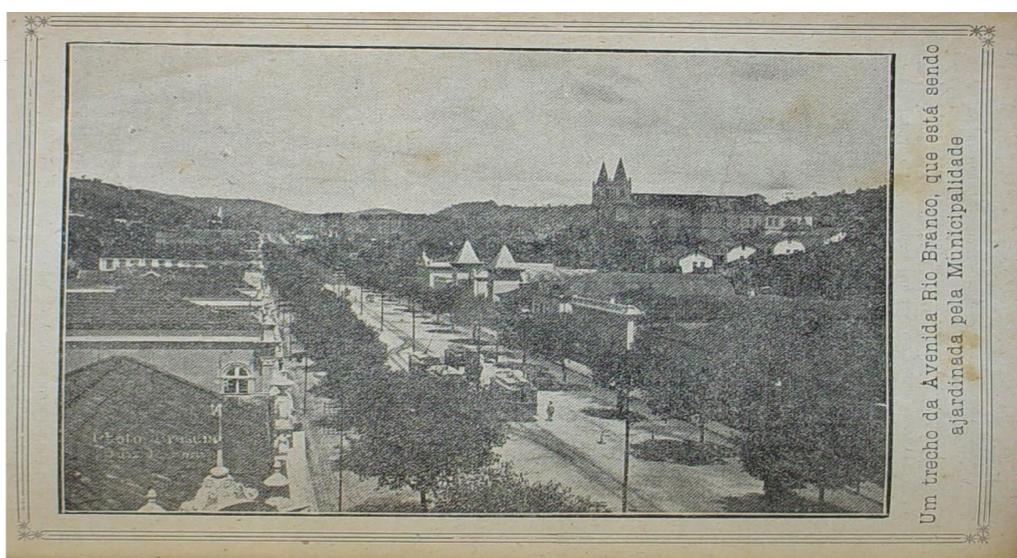
Entretanto, as imagens contradizem esse cenário, já que focam apenas os largos da Matriz e da Igreja de Santo Antônio (ambos na área central), ajardinados e, posteriormente, o Grupo Central (Estabelecimento de Ensino).¹³ No que tange a estabelecimentos comerciais, há uma propaganda com ilustração da edificação, em estilo neoclássico, do *Jornal do Commercio*. O texto publicitário informa que possui uma agência na capital da República, Rio de Janeiro, mais precisamente na rua do Ouvidor. Vale ressaltar que essa rua foi um dos ícones de requinte e bom gosto para o período, em todo Brasil.

A edição de 1922, intitulada de *Almanaque Mercantil e Industrial de Minas*, também, estampa em suas páginas trinta e quatro imagens de pessoas ligadas à sociedade mineira, seja de Juiz de Fora ou não. Assim, observa-se novamente a utilização da publicação como meio de “marcação de território” e para distinção social. Contrária à edição de 1916, que apresentou, textualmente, problemas cotidianos, em 1922 foi exaltada a característica peculiar do povo mineiro – apego a vida rural e sua importante atuação na produção de gêneros para a agro-exportação. Mas, no mesmo texto, foi destacada a inserção do Estado na industrialização, nomeando a cidade de Juiz de Fora de *Barcelona Mineira e Manchester Mineira*. O tom ufanista, mais uma vez, entra em ação e, na mesma página, registra que a presente cidade é a mais industrial da América do Sul, “(...) guardada as devidas proporções.”¹⁴

Ao veicular imagens da cidade para ilustrar a publicação, J. Garcia segue a tendência dos meios de imprensa local, recortando a área central, principalmente no entroncamento da Avenida Barão do Rio Branco com a rua Halfeld. Esse trecho é apresentado em tomadas

aéreas e em algumas imagens são apresentas determinadas edificações (Repartições Municipais, Clube Juiz de Fora) com foco o fechado em suas fachadas.

Como exemplificação de imagem síntese da modernidade local, temos abaixo a seguinte vista da Avenida Barão do Rio Branco, em que é possível observar o movimento dos bondes, dos automóveis e pedestres, bem como de palacetes, arborização, postes e a utilização do traçado largo para sua urbanização.¹⁵



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos apresentar algumas conclusões sobre a veiculação de imagens da cidade de Juiz de Fora nos almanaques de 1916 e 1922.

Em primeiro lugar, ressaltamos a divergência entre a cidade apresentada em texto – com problemas de infra-estrutura - e as respectivas imagens. Através delas, há o compromisso com a veiculação do projeto modernizante pretendido pela elite local. Talvez essa discrepância entre texto e imagem deva-se ao fato dessa publicação ser endereçada não apenas ao público

letrado, mas também aos demais cidadãos. Assim, quem apenas folheasse suas páginas não tomaria a dimensão dos problemas locais, uma vez que atentariam para os ícones de modernidade e progresso da localidade que eram apresentados em consonância com as imagens referentes à capital do Estado – Belo Horizonte.

Ao analisarmos as representações da cidade de Juiz de Fora (MG), constatamos que o ponto de vista das classes mais favorecidas socialmente foi amplamente valorizado. Assim uma cidade que é um espaço a ser partilhado por todos cidadãos, “selecionou” apenas uma pequena parcela desse cenário social para ser estampado nas publicações em estudo.

Por derradeiro, ao analisarmos o conjunto das imagens impressas nos diversos veículos editoriais, torna-se explícito o objetivo dos fotógrafos e dos articuladores/editores de representar Juiz de Fora como uma “cidade modelo”, simbolizando modernidade, progresso, dinamismo e civilização.

¹ PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras/ FAPESP, 1999, p. 35.

² CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, p. 82.

³ PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de ... Op cit.* p. 108 e 71.

⁴ BOTREL, Jean-François. “Catálogo Almanak dos Almanagues” IN: MEYER, Marlyse (Org). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 18.

⁵ ALENCAR, Gilberto de. *Almanack de Minas para 1916*. Juiz de Fora: Typographia Brasil, 1916. p.6

⁶ ALENCAR, Gilberto de. *Almanack de Minas para 1916*. Juiz de Fora: Typographia Brasil, 1916.

BASTOS, J. *Almanaque industrial e mercantil de Minas*. Juiz de Fora: J. Bastos & Cia, 1922.

⁷ ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *Primórdios da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro, 1839-1900*. 3^o. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004. p.97.

⁸ ALENCAR, Gilberto de. *Almanack de Minas... Op cit.* p. 5.

⁹ ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 199,p. 29 a 31.
REZENDE, Livia Lazzaro. *Do projeto gráfico e ideológico: a impressão da nacionalidade em rótulos outocentistas brasileiros*. (Dissertação de Mestrado), Rio de Janeiro: PUC, 2003, p.158.

¹⁰ Ver: SOUZA, Ana Lúcia Fiorot. *Metáfora de modernidade: as imagens da cidade na imprensa de Juiz de Fora (c.1891 – c.1922)*.(Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: IFCS/UF RJ, 2005. Em nossa dissertação analisamos como a imprensa atuou na construção e manipulação das imagens da cidade, visando representa-la como moderna. Para tal, cria-se a idéia de uma cidade com benfeitorias destinadas a todos da sociedade, não sendo apresentado os aspectos excludentes das mesmas. Assim, buscou-se “esconder” as mazelas em que parte da população vivia.

¹¹ PONTES, Tito Livio; PINTO, Raymundo Alves (Org). *Álbum de Bello Horizonte*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1911. (Edição fac-similar).

¹² Alencar, Gilberto. *Almanack de Minas para 1916*. Juiz de Fora: Typographia Brasil, 1916.Ver páginas: 08, 51e 96.

¹³ Idem. p.093,148 e153.

¹⁴ BASTOS, J. *Almanaque industrial e mercantil de Minas*. Juiz de Fora: J. Bastos & Cia, 1922. p. 138.

¹⁵ Idem, p 141.